População frustrada arrasa com a cidade

DEBATE

Sem perspectivas de trabalho e sem acesso ao poder que lhe parece ao próximo, o jovem brasiliense trilha hoje o caminho da frustração e não encontra instrumentos para canalizar este sentimento, através, por exemplo, do lazer — e parte para o vandalismo. A organização comunitária, ainda incipiente, será fundamental para modificar esta realidade que já transformou Brasília em uma das capitais com os maiores índices de depredação de ônibus, orelhões, caixas de correios outros equipamentos públicos.

Estas foram algumas constatações feitas em mesa-redonda, pro-movida pelo **JBr**, sobre o desprezo da população em relação a bens e serviços públicos. Participaram do debate os secretários de Segurança Pública, João Brochado; de Comunicação, Renato Riella; a professora de Serviço Social, Tânia Montoro; a professora de Urbanismo e prefeita do campus da UnB, Sueli Gonzales e o prefeito da quadra 410 Sul, Emir Monteiro do Nascimento.

Ineficiência

De Samambaia ao Lago Sul, já existem associações de moradores provando que é possível elevar a participação comunitária melhor a situação física das quadras. Mas as entidades, atualmente, funcionam de forma precária e, muitas vezes, em caráter provisório. A expectatiya é de que, dentro de cinco anos, surja uma nova realidade, com a

Como cidadão, Emir Nascimento confessou que já teve vontade de atirar uma pedra contra um ôni-bus, cujo motorista se recusou a parar o veículo para o seu embarque na parada. Renato Riella reconhece que, além de difícil processo de auto-realização do jovem brasiliense, a ineficiência de alguns serviços contribui para a reação agressiva da população. "O governo e as instituições que prestam serviços devem ser os primeiros a dar bom exemplo, mostrando iniciativa para melhorá-los e recuperando o que foi destruído", afirma.

Qual cidade?

Sem raízes na capital da República, a comunidade local permite indiretamente o vandalismo, através de uma espécie de descompro-misso com a cidade. "E preciso amar Brasília", prega o coronel Brochado, enquanto Sueli Gonzales questiona qual cidade a comu-nidade deverá amar. "A satélite onde mora, o Plano Piloto onde trabalha ou um terceiro lugar, onde eventualmente se diverte?"

Se o brasiliense souber explorar a pequena organização que já dispõe, poderá influir neste ano na elaboração do novo Plano Diretor do Distrito Federal, para que ele não se torne somente um novo desenho de Brasília, mas funcione também como instrumento para redefinir a ocupação e utilização de seu espaço. \vec{E} a oportunidade de humanizar o DF exigindo do governo menor rigor em relação à proibição de ocupação de áreas públicas.

Em defesa de Brasília



Há 16 anos em Brasília, o jornalista baiano José Renato Riella, 40 anos, foi repórter, assessor de imprensa e secretário de Redação do Correio Brazi-liense por seis anos. Foi convidado a assumir a se-cretaria de Comunicação do GDF sem ter qualquer contato anterior com o governador Joaquim Roriz. Rapidamente se tornou um dos mais próximos assessores e incentivador da candidatura de Roriz nas eleições diretas ao GDF, ençues diretas ao GDF, em outubro próximo. So-bre depredações, Riella acha que o Governo tem que dar o exemplo, ser o primeiro a conservar equi-prementos públicos pamentos públicos.



João Manoel Simch Brochado, 62 anos, oficial do Exército há oito anos na reserva, ocupou, durante o regime militar, cargos civis nos ministé-rios da Agricultura e Edu-cação e dirigiu a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). Nomeado secretário de Segurança do GDF em 1986 pelo então governador José Aparecido, foi mantido por Joaquim Roriz. "Gaúcho de nascimento e brasiliense por opção", o coronel João Brochado considerase "meio fundador" do SNI, órgão que passou a integrar em 1968, apenas quatro após sua criação.



A prefeita do campus da UnB, Sueli Franco Netto Gonzales, tem a tarefa de preservar e ampliar o patrimônio da Universidade. Professora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo há 16 anos, Sueli Gonzales defende a continuação da política de construções no campus se a venda de projeções resi-denciais puder ser revertida em atividades lucrativas permanentes para a UnB. Considera rompido o tabu que impedia a convivência pacífica da comunidade universitária com a polícia que ela quer la a polícia, que ela quer le-var para dentro da UnB como forma de prevenir e reprimir roubos e furtos.



Emir Monteiro do Nascimento, 32 anos, é paisagista, professor de Práticas Agricolas da Fundação Educacional e prefeito comunitário da 410 Sul há um ano e meio. Atua com os moradores do local em mutirões e campanhas de conscientização quanto à limpeza, colabo-ração e participação de vi-zinhos em atividades edu-cativas e culturais. Com o apoio principalmente das crianças, Emir conseguiu no início do ano desativar um depósito de entulho na entrada da quadra e transformar o espaço em um campo de futebol e vários canteiros de forragens e flores do cerrado.



Tânia Siqueira Montoro, 32 anos, é professora de Desenvolvimento de Comunidades e Políticas Públicas do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília. Formada em Educação de Adultos e pós-graduada em Política Social, Tânia Montoro é especialista em questões populares e comunitárias. Elaborando tese de mestrado sobre Mulher e Meio Ambiente no Brasil, na área de Cultura da Faculdade de Comunicação da UnB, Tânia também presta assessoria à Fundação Educacional do DF no sentido de trabalhar a organização de associações de pais e alunos da rede pública de ensino.

"A causa disso tudo é a falta de comida, de lote, de tranquilidade"

JBR - O que pode ser feito paa mudar este tipo de comportamento, de depredação e desapego que ocorre com certos serviços públicos?

Emir – A questão do ônibus, por exemplo. Brasília é o local com passagem de ônibus mais cara do Brasil, talvez do mundo. A população não tem um lote para viver. Há especulação imobiliária, especulação sobre comida, sobre o transporte, em tudo há especulação. Concordo que se tem que remediar al-gumas situações, mas o ideal é pre-venir, é fazer um trabalho social, dar condições para que as pessoas tenham o mínimo necessário. Porque existem pessoas sem nenhuma índole para depredar e acabam depredando porque o povo, com a revolta engasgada no pescoço, devido as más condições de vida de ver um País com o potencial agrícola que tem, vê o povo na miséria, passando fome. Tudo isso cria uma consciência e a pessoa acaba tendo uma luta pela sobrevivência muito maior que tempo para pensar em amor, pensar em coisas boas. A meu ver a causa disto tudo é a falta de comida, de lote, de tranquilidade que o ser humano está tendo para poder sobreviver. A depredação

está inserida aí. Tânia — Inicialmente eu tenho de dizer que a comunidade depreda, mas o Governo depreda também. Porque o Governo depreda a honra do cidadão, que paga imposto, paga IPVA e paga selo-pedágio, è encontra as estradas nas condições que temos encontrado. Então, o Governo também está depredando um bem que é público. O grande problema está na política do Estado, que sempre desenvolveu uma política distributiva e não educatiya. Ou seja, o leite, a pessoa pensa que está sendo dado; o telefone é doado; a escola é dada, como se isto hão fosse de ninguém. Na realidade você está pagando, há imposto que paga isto, o Estado não está dando, não é o Estado que paga. Nós temos o direito, pagamos impostos e por isso temos direito aos benefícios que este imposto pode trazer. E certo que pagamos menos que ingleses ou canadenses, mas a diferença é que pagamos um imposto não revertido para o bem social e sim para subsidiar o álcool, subsidiar o trigo. A população tem direito de saber se o dinheiro que entregou foi utilizado ao que deve-

ria ser destinado. JBr — A administração da Água Mineral e a diretoria de ope-rações da Telebrasília admitem que uma das causas da depredação é a própria ineficiência dos serviços oferecidos. A falta de credibilidade da população nos órgãos públicos desestimula a colaboração

por parte do cidadão?

Riella — Considero que antes de tudo o exemplo tem de ser dado pela organização que está à frente de um prédio. Quando o governador Joaquim Roriz começou a recuperar cerca de 100 escolas públicas em estado de calamidade, três das quais interditadas pelo Corpo de Bombeiros por falta de segurança, ele falou aos secretários que o Governo devia antes dar o exemplo recuperando as escolas, para depois conscientizar para a preservação dos prédios e dos próprios móveis. Esta iniciativa da parte do Governo ou das instituições é fundamental. Tenho ouvido comentários que o metrô de São Paulo é tão organizado e tão eficiente que as essoas se sentem constrangidas de jogar papel no chão, de cuspir, atos que comumente vemos nas nossas ruas e até em prédios públi-cos. O exemplo tem de ser dado pe-

la administração.

Brochado — O problema da impunidade também faz parte deste quadro, e nós temos aqui este problema mais grave que em outras cidades. Há uma expectativa de impunidade em todo o Brasil. É preciso reformular o sistema criminal, que não é dissuasor. Há sempre uma expectativa de fuga, de polícia desequipada, de ministério público desentrosado, de sistema penitenciário ruim, de execução penal dissociada da realidade brasileira. Este conjunto todo é pouco dissuasor. Essa expectativa de impunidade que existe na sociedade brasileira influencia em Brasília, dentro desta característica singular que a cidade apresenta. Uma ci-dade de poderosos em que o diverti-mento é complicado. Esse pessoal tradicionalmente se dedicava à destruição, a desvio de comportamento. São coisas que devem ser analisadas.

"Brasilia tem um problema espacial: foi feita para expurgar a pobreza"

JBr - De que forma a comunidade organizada pode participar deste processo e reeducar a cidade para a preservação dos bens, equipamentos e serviços públicos? Riella — Acredito que em nossa

cidade, situada como um caso extraordinário, vai ser fundamental o processo político. Enquanto não tivermos aqui uma Assembléia Legislativa ou Câmara Distrital funcionando, enquanto as prefeituras comunitárias não estiverem plenamente dinamizadas, vai ser muito difícil conscientizar a comunidade. Eu moro na QI 17, do Lago Sul, onde há dois anos não havia qualquer tipo de organização. A partir daquela época, a prefeitura começou a funcionar e a quadra se modificou completamente, inclusive com participação e promoções conjuntas. Acredito que, dentro de cinco anos, teremos uma Brasília bem diferente. Outro aspecto é que discutimos muito, nos últimos anos, o fato de Brasília ter sido transformada em patrimônio cultural da humanidade. Parece-me que a população preferia que ela fosse patrimônio cultural de Brasília.

JBr — A organização comunitária melhora a relação da população com os serviços públicos e com os serviços solidários como doações de sangue, leite materno e ór-

gãos humanos?

Emir – Sem dúvida, melhora e muito. Agora, cada prefeitura atinge apenas uma camada de pessoas. Os meios de comunicação atingem outra camada. Através de um trabalho de corpo a corpo, as prefeituras estão reforçando aquilo que de certa forma o cidadão já sabe. Quando alguém joga lixo fora da cestinha, você diz: "Olha, rapaz, você está jogando lixo na rua". O cara já se toca, percebe que está su-

jando uma coisa que é dele mesmo. Brochado — A organização comunitária é uma manifestação de consciência coletiva, estágio importante. O problema de vandalismo no DF ainda ocorre em todas as cidades-satélites, como consequência do pequeno período de existência da cidade, apenas 30 anos. Sem organização comunitária, que é uma manifestação de vontade coletiva, surgem imediatamente os desvios de comportamento. Citarei o exemplo do Setor de Diversões Sul, no Plano Piloto. Aquilo era um antro de homossesualismo, de prostituição, uma área infensa à disciplina social e à ação policial. A parte policial foi feita: instalamos posto policial, realizamos blitze do Corpo de Bombeiros. Faltava a organização dos empresários. Finalmente, há menos de 20 dias, depois de quase um ano de trabalho, consegui que eles se apresentassem orsegui que eles se apresentassem orsegui que eles se apresentassem organizados. Agora, há uma consciência traduzida numa organização comunitária. Recentemente, estive em Taguatinga Norte, uma região carente, onde começam a surgir os primeiros resultados desta organização comunitária como contenção deste comportamento do indivíduo.

Tânia - Não tenho dúvidas quanto à importância da organização. Percebo que os núcleos comunitários, em Brasília, ainda são fracos pela vivência do regime militar numa cidade onde o poder autoritário foi extremamente instalado. Quando me mudei para cá, as pessoas me diziam que havia dez

policiais para cada pessoa.

Riella — Você conhece muitas cidades que estejam melhor estruturadas em termos de associações

comunitárias?
Tânia Conheço. Poderia dar três exemplos: Lajes, em Santa Catarina; Prudente de Morais, em São Paulo, e a capital do Rio de Janeiro. No Rio, há uma foderação. neiro. No Rio, há uma federação de associações de moradores com um contingente de mais de 100 mil pessoas envolvidas no trabalho da entidade. Em Porto Alegre, também. Aqui, a proximidade com o poder e a distribuição espacial de Brasília não dão chances para a comunidade se organizar ou se fortalecer. Admito que há movimentos incríveis de moradores da Ceilândia, P Norte, Taguatinga, pela Ordem dos Advogados do Brasil e Extensão da Universidade de Brasília. Mas considero, porém, que Bra-sília tem um problema espacial. Ela foi feita para expurgar a pobreza para esse bolsão. Não é como no Rio, onde há grande proximidade de Copacabana com o morro, o que dá uma sensação mais de cidade. A ausência desta sensação é uma desvantagem para a organização co-

munitária em Brasília. Riella — Quero fazer uma ressalva. Estamos vivendo em Brasília uma verdadeira explosão de participações comunitária. E claro que esta participação ainda é repleta de vacilações, de vícios. Falta depuração, que será dada pela própria comunidade, na medida em que observar os resultados, os comportamentos. Grande parte das organização comunitárias hoje existentes são até mesmo informais, sem registro e, digamos, ocasionais, vinculadas a questões muito específicas como a regularização de um lote, de um condomínio, do problema da fila do leite, coisas deste tipo. Mas acho que esse processo inicial de organização que foi incentivado grandemente pelo atual governo, vai gerar resultados muito bons a partir da próxima Assembléia Distrital ou Câmara

Distrital. Tânia - Você diz que essa explosão de organização comunitária é incentivada grandemente por este governo. Foi isso que entendi?

Riella - Exatamente. Tânia - Você acha que o governo incentivou a organização comunitária?

Riella — Acho. Tânia — Porque acredito que a organização comunitária é uma coisa que não depende do governo incentivar ou não. Não é dádiva. E processo educativo, de cidadania, de conscientização. O que você pode estar querendo dizer é que esse governador abriu espaço para a organização comunitária. Então eu posso afirmar que esse governo é autoritário. Porque o espaço se conquista. Como é que o governo pode

Riella - Eu usei a palavra incentivar, não criar espaço. Incentivar é abrir espaço, reconhecer e abrir o diálogo.

Tânia — Na verdade, isto não é incentivo. E uma conquista de todo o processo de democracia.

"A polícia está presente em tudo. A cidade dá problemas para os jovens"

JBr - Quem é o vândalo em Brasília?

Brochado - Tentarei evitar as generalizações, definindo alguns perfis de depredadores. O pichador, ou grafiteiro, é um menor de classe média, que tem poder aquisitivo para comprar um spray, relativamente caro. A Secretaria de Segurança Pública catalogou recentemente 750 piahadores dos cueis mente 750 pichadores, dos quais 80% são menores. Eles não têm consciência específica da questão social, mas traduzem a situação singular do DF, pois assimilam o desenteresse geral de uma população ainda não integrada com a cidade. São manifestantes da anticultura ou ainda instrumentos inconscientes desse desamor que, de alguma forma, nós manifestamos. O depredador de ônibus também é um menor, que frequenta a escola. prova disso é que, no período de férias letivas, o índices de depredação de ônibus diminui.

JBr - O senhor acha que a depredação de ônibus tem relação com o preço da tarifa?

Coronel Brochado — Isso ocorre em todo o País, mas a manifestacão em Brasília é excepcional. Aqui, os depredadores se excedem, porque o brasiliense não tem a mesma relação de posse do ônibus, que o portoalegrense ou o paulistano tem.

Emir - Não acredito que os depredadores da cidade são instrumentos inconscientes do desamor a que o coronel Brochado se refere. Quem depreda não tem fonte de renda. Para pagar a tarifa, deixa de lanchar na escola. Além de pagar caro, recebe um mau serviço de transporte coletivo. Eu mesmo já tive vontade, várias vezes, de depredar um ônibus embora não tenha esta índole. As vezes por exemplo, você está com pressa, porque tem horário a cumprir, e o motorista simplesmente não pára para você. Aí sobe aquela revolta.

Sueli - A depredação não tem uma explicação única. O menor, indiscutivelmente, tem um papel importante nesta depredação, conforme estatística que o coronel Brochado apresentou. Por outro lado, a depredação tem muito a ver com o sofrimento do usuário no ônibus. A pessoa está sofrendo horas em uma parada e o ônibus passa e não pára. Se a pessoa puder atirar uma pedra, ela atira.

Brochado - Há um aspecto interessante neste fenômeno do menor, que é o processo de deterioração da escola.

Sueli - Eu acho que é a família que está se deteriorando. O menor de classe alta que tem este tipo de comportamento é vítima de problema da falta de aprendizado dentro de casa. Não aprendeu a respeitar as coisas da cidade e dos outros.

Tânia — Aliado a isto, há dois problemas que eu queria levantar. Primeiro, os nosso meios de comunicação de massa não têm servido em nada a essa educação para a cidadania, para a vida em grupo. Pelo contrário, só exacerbam o individualismo. Há uma segunda questão: a escola. É claro que a educação está no lixo. Mas, além da questão educacional há um problema singular de Brasília: o difícil acesso ao lazer. O lazer aqui é caro, não tem praia para se andar de bicicleta. Como é que vou mandar um menino pedalar no Eixão? Aonde vou permitir que ande de skate? Eu teria que tomar um carro, gastando gasolina que já está contada para ir em algum lugar. Os jovens

passam a depredar shopping center, magazines, porque também não encontram uma pizza a preço de estudante, a entrada de cinema a preço de estudante, cinema, lanchonete, centro cultural, biblioteca ou quadra de esporte próximos à

sua residência.

Riella — Tentando sintetizar esta questão, vejo um processo de auto-realização difícil, envolvendo todas as faixas sociais e não só o menor, como também o jovem de até 30 anos. Esse pessoal está vivendo um processo difícil em Brasília, como por exemplo no que diz respeito ao lazer, ao trabalho, processo cultural, esporte e amor. Essa é a grande dificuldade. Eu tenho um depoimento pessoal. Na época do chamado badernaço, eu era editor do Correio Braziliense e, a pedido da Federação Nacional dos Jornalistas, reuni 50 fotografias, fla-grantes que focalizavam pessoas que participaram daquela confu-são. Fui para a sede da Fenaj e lá me reuni com dirigentes de 20 sindicatos levando as fotos que foram colocadas sobre uma mesa. O objetivo era tentar identificar, através das fotos, alguma liderança política partidária, alguém da CUT, que estivesse participando do badernaço. Todas as lideranças sindicais,
analisando as fotos, viram que
realmente não havia ninguém de maior responsabilidade no movimnto político participando da manifestação. Aos poucos, a gente foi identificando um ou outro, que estavam flagrados naquelas fotos. E quem eram? Eram estudantes, desempregados, um policial que havia sido expulso há pouco tempo da corporação um boy, uma pessoa sem nenhuma responsabilidade em um processo de frustração acumulada perante essa nossa sociedade, sem possibilidade de ascensão. Pessoas que, mesmo estando num nível social médio ou alto, se sentem frustradas, com dificuldades de imposição perante a sociedade que exige muito. Exige que as pessoas sejam bonitas, elegantes, bem falantes e esportivas.

"O Governo tem de reduzir o indice de frustração e ampliar a auto-realização"

JBr - A estrutura urbanística da cidade, projetada em escritórios para ser a capital da República, acentua de alguma forma um conflito do cidadão com a sociedade e com os serviços de que

Sueli- A cidade pensada, inclusive, para propiciar a união das vizinhanças, o entrosamento das pessoas, a integração dos grupos sociais, pelo menos a nível residencial e dos serviços mais próximos da moradia. Eu não vejo muito uma relação estreita, fatal, determinada, em que o espaço motivasse para o vandalismo. Acho que o espaço, em determinado momento da nossa vida, nossa evolução social e da cidade, pode facilitar mais ou menos os vandalismos, ou dificultar mais ou menos a união da comunidade, mas não é

determinante Tânia — Uma coisa que pode ser feita é a humanização desta cidade. Se um barzinho coloca uma cadeira do lado de fora e que está fora do espaço que o projetista de Brasília pensou, então não pode. A cidade mudou, as pessoas construí-ram também um outro espaço de convivência, não tem problema em colocar um jardinzinho aqui, uma cadeira um pouquinho para fora. Esta questão de que Brasília não pode ser mexida em nada é muito complicada, porque a cidade só tem crescido. Isto cria também um ran-

ço por parte da gente. Uma cidade como os idealizadores dela projetaram, engessaram, não se pode botar um toldo, um corredor para as pessoas que descem do avião porque não está no projeto. Então as pessoas tomam chuva. Para tudo tem que ter lugar, mesmo que su-perlotado. Não há saída, o lugar é

lá e pronto. Sueli— Em Brasília, as pes-soas não ficam muito tempo mòrando num mesmo lugar, de acordo com dados estatísticos. É uma mobilidade intensa em função dos preços dos aluguéis, que caracteriza ao mesmo tempo uma mudança e uma segregação, associada a uma péssima situação física dos espaços, sempre desequipados e em deterioração. A depredação é também a depreciação do espaço, e não só o ato de quebrar de propósito. São três coisas: a depredação de equipamentos imposta por menoequipamentos imposta por meno-res, a reação da população ao sofri-mento que a cidade impõe e a de-preciação dos espaços por falta de condições para melhorá-lo. Por mais que seja organizada, a popu-lação não consegue, sozinha, colo-car uma rede de esqutos ou fazer o car uma rede de esgotos ou fazer o calçamento de uma quadra.

Riella — O Governo tem de re-

duzir o índice de frustração e ampliar a auto-realização. A busca disso deve ser através de credibilidade e principalmente participação comunitária. O Plano Diretor também vai ser fundamental, porque vai direcionar os caminhos desta cidade, se Taguatinga vai ter uma indústria, se Sobradinho vai ter um comércio mais ativo, se determinado serviço vai ser localizado no Núcleo Bandeirante; se o transporte vai ser direcionado de determinada forma; se o Plano Piloto vai mesmo ser reservado como patrimônio da humanidade. Acredito que isto já vai reduzir esse processo de frustração das pessoas que têm menos iniciativa. Brasília ainda não tem código de posturas nem uma lei orgânica. São limitações muito grandes, que após algumas: definições vão permitir um novo tempo para a cidade, com valorização política, com um governo eleito, uma Assembléia, representantes no Congresso e valorização das associações comunitárias.

Sueli — Devemos ficar atentos para que este Plano Diretor não seja um desenho muito bonito, muito arrumado, e que não tenha os cuisados devidos, ou então que a legislação que venha depois não tenha o mesmo desenho, não tenha determinados princípios e cuidados que a população gostaria que se acrescentasse ao que hoje está aí. O Plano Diretor não é um novo desenho, mas uma legislação básica, com determinadas intenções para que este ou aquele espaço se desenvolva de determinada manaier. E isso poderá fatalmente ser de novo aquela camisa de força se a população não se organizar para participar. A lei orgânica será um instrumento para a conservação e humanização do

JBr - Há relação entre a situa! ção econômica e política do País e a agressividade do cidadão sobre os

bvens públicos?

Tânia — É a questão do poder. Primeiro, se tem o custo de vida mais alto do País, porque em nenhuma outra cidade, nem mesmo no Rio de Janeiro, um apartamento de 90 metros quadrados custa NCz\$ 16 mil por mês. E há a peculiaridade de, em Brasília, se conviver com esta centralização do poder. Dentro de Brasília há poucos profissionais liberais e o Governo continua sendo o grande empregador da cidade. Você vem da Ĉeilẫħdia e passa em frente à casa do de: putado. Vem de Taguatinga trablahar na casa de um funcionário governamental que ganha muito bem. Não tempos aquele sentido de preservar aquilo que foi de meu pai, a rua em que nasceu, ou que 🔅 avô tem uma farmácia, o tio fez serenata...não tem isso. Mas é uma coisa que vai ser criada. Tenho certeza que as gerações que estão nascendo aqui já estão vendo Brasília como uma cidade delas.